

## VARIAÇÃO E ENSINO: UMA RESENHA DA OBRA “ENSINO DE PORTUGUÊS E SOCIOLINGUÍSTICA”

### VARIATION AND TEACHING: UM REVIEW OF THE BOOK: “ENSINO DE PORTUGUÊS E SOCIOLINGUÍSTICA”

Dennis Castanheira<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta resenha tem como objetivo discutir a relevância do livro “Ensino de Português e Sociolinguística”, lançado pela editora Contexto em 2014, para o cenário linguístico-científico atual. Para isso, busca relacionar a proeminência da temática pedagógica envolvendo variação linguística no Brasil, a publicação das diretrizes para o ensino e o aumento dos estudos sociolinguísticos no país ao longo dos últimos anos. A análise crítica ocorre capítulo por capítulo, destacando os pontos positivos e negativos da obra e sua importância para o mercado editorial vigente. Além disso, a resenha é finalizada com um panorama do livro e com possíveis perspectivas para novas publicações na área.

**Palavras-chave:** sociolinguística; ensino; variação

**Abstract:** This review aims to discuss the relevance of the book "Ensino de Português e Sociolinguística", released by publishing company Contexto in 2014, to the current linguistic and scientific scene. To do so, it has related the prominence of educational topic involving linguistic variation in Brazil, the publication of guidelines for teaching and increasing sociolinguistic studies in the country over the past years. The review takes place chapter by chapter, highlighting the strengths and weaknesses of the work and its importance to the current publishing market. In addition, the review concludes with an overview of the book and possible prospects for new publications in the area.

**Keywords:** sociolinguistics ; teaching; variation

Os estudos sociolinguísticos têm tido grande repercussão no paradigma científico nacional e internacional, sobretudo pelos estudos de William Labov. A Teoria da Variação e Mudança, ou Sociolinguística Variacionista (também denominada “laboviana”), angariou diversos seguidores na segunda metade do século XX e também no século XXI a partir de seus estudos sobre variação em diferentes níveis da língua: fonético-fonológico, morfológico, morfossintático e discursivo.

Embora as investigações iniciais dessa linha de pesquisa (WEINREICH; LABOV; HERZOG ([1968] 2006); LABOV ([1972]2008), dentre outros) não tenham relação alguma com propostas pedagógicas, diversos pesquisadores envolvidos com esses estudos no Brasil perceberam que havia uma possível – e necessária – ponte entre a teoria variacionista e a disciplina “língua portuguesa” na sala de aula. Com a publicação das diretrizes oficiais para o

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação de Linguística e Licenciado em Letras Português-Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: denniscastanheira@gmail.com

ensino no fim dos anos 1990, essa proposta foi ainda mais reforçada e passou a liderar, junto com os estudos da Linguística do Texto, as pesquisas sobre ensino no Brasil.

Nesse propício cenário científico-pedagógico, está inserida a obra que aqui será resenhada: “Ensino de português e sociolinguística” (MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2014). O livro foi lançado em 2014 pela editora contexto a partir da organização de Marco Antonio Martins, Silvia Rodrigues Vieira e Maria Alice Tavares. O grupo de autores ainda engloba, dentre outros pesquisadores, Stella Maris Bortoni-Ricardo, expoente da sociolinguística educacional no Brasil.

De forma geral, “Ensino de Português e Sociolinguística” apresenta, em poucos capítulos, um panorama dos estudos variacionistas no país e algumas reflexões que podem ser feitas em relação ao ensino de língua portuguesa diante de tais investigações. Os três organizadores são bastante conhecidos e já têm larga experiência na área do ensino. Além da sociolinguística, as obras de Maria Alice Tavares também são marcadas pelo uso do funcionalismo norte-americano, corrente comumente associada à sociolinguística laboviana na linha denominada “sociofuncionalismo” (cf. CEZARIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016).

O livro apresenta, além de um grupo de pesquisadores bastante relevante, um *design* rico e capítulos claramente divididos e organizados a partir de seus escopos: “Contribuições da sociolinguística brasileira para o ensino de português”, “O ensino de português e a variação linguística em sala de aula”, “Variação fonético-fonológica e ensino de português”, “Variação morfosintática e ensino de português”, “Variação linguística e os livros didáticos de português” e “Avaliação das variantes: atitudes e crenças em sala de aula”.

Em “Contribuições da sociolinguística brasileira para o ensino de português”, os três organizadores retomam primeiramente três grandes contribuições da Teoria da Variação e Mudança desenvolvida no Brasil que também serão norteadores do capítulo: definição dos conceitos básicos para o tratamento de fenômenos variáveis; reconhecimento da pluralidade de normas; estabelecimento de semelhanças entre o que se convencionou de “norma culta” e “norma popular”, não obstante os estereótipos linguísticos identificados pelos falantes em geral.

Posteriormente, os autores trazem alguns conceitos básicos que devem ser usados no tratamento da variação em contexto pedagógico, dentre os quais: a concepção de norma; as modalidades falada e escrita; a diferença entre modalidade, registro e norma; as semelhanças entre variedades cultas e populares. Ainda nesse capítulo, eles retomam, de forma ampla e

eficaz, alguns trabalhos sobre o quadro pronominal do português brasileiro e acerca de conectores sequenciadores a partir, sobretudo, dos estudos de Maria Eugênia Duarte e Maria Alice Tavares, respectivamente.

Esse capítulo cumpre com pertinência e objetividade sua proposta ao retomar alguns dos estudos sociolinguísticos brasileiros, mesmo que recorra, muitas vezes, a investigações que, na verdade, também têm em seu quadro teórico-metodológico outras linhas como o funcionalismo norte-americano e o gerativismo. Embora não haja nesse capítulo uma preocupação pedagógica tão ampla, é necessário destacar que os autores sintetizam de forma precisa tópicos relevantes para a variação linguística, construindo com seus leitores um importante instrumental para os capítulos posteriores.

Em “O ensino de português e a variação linguística em sala de aula”, Stella Maris Bortoni-Ricardo e Maria do Rosário Rocha buscam estabelecer uma discussão histórica sobre as diferenças entre português europeu e português brasileiro, além de apresentarem três contínuos que, segundo as autoras, devem ser considerados: urbanização, oralidade-letramento e monitoração estilística. Logo após, todo capítulo é baseado na análise de diferentes textos com situações comunicativas bastante heterogêneas.

A grande contribuição do capítulo em destaque é demonstrar, de forma didática, que a variação pode ocorrer – e efetivamente ocorre – em diferentes modalidades da língua com diferentes graus de monitoramento e com usuários com perfis completamente distintos. Dessa forma, as autoras reforçam os estudos da sociolinguística laboviana, que deixam claro que a variação é presente o tempo todo na língua, mesmo que tenha contextos mais ou menos propícios. Esse capítulo também não apresenta uma contribuição direta para o professor, mas auxilia na construção de um instrumental teórico para futuras modificações em sua prática.

No capítulo seguinte, “Variação fonético-fonológica e ensino de português”, Juliene Lopes Pedrosa mescla uma abordagem didática acerca da relação grafema-fone com exemplos claros e acessíveis com uma apresentação mais técnica e possivelmente menos acessível aos profissionais que não tenham acesso a uma nomenclatura técnica acerca do tema. Além disso, retoma alguns trabalhos no âmbito fonético-fonológico, sobretudo sobre monotongação e ditongação.

O ponto mais relevante do capítulo é seu final, já que a autora adota uma linguagem mais acessível e busca sistematizar, de alguma forma, como o que foi apresentado anteriormente por ela pode ser aproveitado em sala de aula. É necessário destacar, contudo, que professores de língua portuguesa que não tenham contato com a pesquisa linguística terão

maior dificuldade ao longo capítulo, mesmo que, ao fim, a autora apresente reflexões mais diretas do que os capítulos precedentes da obra.

Em “Variação morfossintática e ensino de português”, Silvia Rodrigues Vieira, organizadora do livro, e Gilson Costa Freire retomam alguns aspectos históricos sobre o português brasileiro e alguns postulados das diretrizes oficiais para o ensino para, posteriormente, retomarem algumas pesquisas na área. Os fenômenos escolhidos são: concordância verbal de terceira pessoa; estratégias de indeterminação do sujeito; uso de clíticos acusativo e dativo; colocação pronominal e alternância “ter” e “haver” em construções existenciais.

De forma geral, os autores retomam de forma bastante breve e eficiente as investigações que julgam necessárias para o entendimento dos fenômenos linguísticos por eles destacados. Além disso, demonstram que o português é constituído por diferentes normas, que apresentam características diferentes e devem ser relacionadas, para eles, com a hipótese da gramática do letrado, cunhada por Mary Kato. Esse capítulo também engloba um instrumental teórico que pode ser relevante para o professor, embora, mais uma vez, não apresente propostas tão diretas.

No capítulo “Variação linguística e os livros didáticos de português”, Ricardo Joseh Lima estabelece suas primeiras reflexões retomando aspectos mais gerais: a importância do livro didático na sala de aula, o papel da variação linguística e o Programa Nacional do Livro Didático. Posteriormente, retoma análises já produzidas sobre a temática recentemente, resenhando-as numa seção de revisão crítica. Sua análise é composta de quatro questões que permeiam a análise dos manuais destacados pelo autor para análise crítica.

O capítulo, porém, apresenta uma abordagem excessivamente objetiva para um tema absolutamente amplo e cobrado: a variação. É evidente que muitos livros didáticos não apresentam uma abordagem adequada, o que dificulta a listagem de aspectos minimamente analisáveis, porém talvez fosse necessário ampliar a amostra do capítulo para que esse problema fosse minimizado. Vale destacar positivamente que, nas considerações finais, o autor reconhece que ainda há muito a se avançar e que é preciso ir além da análise de materiais didáticos, embora esse seja um inquestionável passo na melhora do ensino brasileiro.

No capítulo final “Avaliação das variantes: atitudes e crenças em sala de aula”, Lucia Cyranka demonstra que há um avanço em diferentes perspectivas teóricas que podem englobar aspectos relacionados ao ensino. A autora, primeiramente, busca diferenciar norma-

padrão e norma-culta por considerar que a confusão desses conceitos é um dos problemas basilares das escolas brasileiras. Além disso, estabelece um teste que demonstra que os alunos se sentem distantes da norma-padrão e da norma-culta, não sendo capazes, inclusive, de diferenciá-las. No geral, o capítulo é centrado em reflexões generalistas, porém bastantes relevantes e acessíveis ao professor, o que é um ponto importante em trabalhos como esse, cumprindo, assim, sua proposta com eficiência.

A obra resenhada demonstra ser um grande acerto ao buscar a relação entre os estudos da sociolinguística e a sala de aula. Por meio de exemplos que, no geral, são claros e seguidos de comentários e discussões relevantes e objetivas, o livro preenche, em alguma medida, uma “lacuna” existente no mercado editorial no que cerne aos estudos linguísticos e, mais especificamente, às investigações embasadas, de alguma forma, por uma perspectiva variacionista.

É necessário destacar, porém, que há poucas propostas efetivas para o tratamento do tema em sala de aula, constituindo um passo importante, mas ainda com necessidade de grandes inclusões. Outros livros, impressos e digitais, já apresentam propostas de atividades explícitas a serem aplicadas em sala, o que poderia ter sido feito pela obra. Além disso, professores podem ter grande dificuldade de acompanhar algumas partes do livro caso não tenham determinado seguimento teórico, sobretudo de fonética e fonologia. Esses pontos, no entanto, não invalidam a proposta, indicando apenas próximos passos para outras publicações na área. É preciso esclarecer, ainda, que não é possível haver contribuições para o ensino sem aspectos teóricos e a obra apresenta um trabalho de grande relevância.

### **Referências**

- CEZARIO, M. M.; MARQUES, P. M.; ABRAÇADO, M. J. Sociofuncionalismo. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JR., C. *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. M. Bagno, M. M. Scherre e C. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria de variação e mudança linguística*. Trad. M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

*Recebido em 30 de junho de 2016.*

*Aprovado em 18 de outubro de 2016.*